

Cotidianos e Redes Educativas

Nívia Andrade

CAMINHADAS

Existe uma retórica da caminhada. A arte de 'moldar' frases tem como equivalente uma arte de moldar percursos. Tal como a linguagem ordinária, esta arte implica e combina estilos e usos
(CERTEAU, 1994. P.179)



Visita de alunos de uma escola municipal do Rio de Janeiro à Bienal do livro de 2009 (Rio Centro). Foto: Taís Soares (aluna do 8º. Ano)

Ao romper com as dicotomias que enxergam oposições entre o dentro e o fora da escola, entre uma cultura erudita e outra popular, entre um currículo formal e outro praticado pretendo mostrar que a escola é tecida por relações móveis, múltiplas e dinâmicas (ALVES, 2001). Porém, acredito ser importante reconhecer que para além desta fluidez, há movimentos políticos, econômicos e sociais que buscam fixar estas diferenças. Não conseguem na prática ou em sua totalidade, mas divulgam uma percepção da sociedade a partir destas dicotomias o que facilita o controle e o poder sobre diferentes grupos.

Na contramão ou permeando estes movimentos, professores e alunos evidenciam esta fluidez e esta mobilidade que possibilitam compreender a escola como um emaranhado de culturas.

A imagem que escolhi para introduzir este texto me permite pensar a prática de ocupar geograficamente espaços tradicionalmente vinculados a outros grupos sociais, a prática de professores e alunos que, a despeito das dificuldades com transportes, fazem das suas aulas, visitas à museus, reservas florestais, centro culturais entre outros.

Levar os alunos para aprenderem num espaço diverso ao seu cotidiano cultural desperta em muitos alunos um estranhamento, uma sensação de não-pertencimento àquela cultura, àquele espaço. Passos tímidos, olhos ansiosos por ver. Um pouco desconfiados. E os braços escondendo as mãos. Talvez pelo conforto de saber que embaixo dos braços, as mãos não precisam se expressar tanto. Ou talvez, e é nesta resposta que aposto, os braços não escondem as mãos, mas a faixa laranja do uniforme, tão rejeitado pelos alunos, que passaram a ser chamados de laranjinhos e lixeirinhos. Talvez por isso, a mesma camisa também esteja escondida dentro dos casacos de algumas meninas.

Desta forma, não seriam reconhecidas por sua escola e estariam misturadas aos demais frequentadores do local. Estas são táticas de caminhar pela cidade, caminhar por espaços culturalmente relacionados à outros grupos sociais, outras escolas. Regulações cotidianas, como propôs Certau, práticas microbianas singulares e plurais.

Certeau afirma que *caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio* (CERTEAU, 1994. p.183). Defende que há diferentes estilos de caminhar, pelos quais, os caminhantes, certas vezes, desobedecem interditos, se conferem outros interditos, escolhem suas trajetórias, tecendo os seus pensamentos a partir das lembranças relacionadas aos lugares

passados. Outras vezes, os lugares são vistos apenas como números que compõem ruas do traçado urbano.

Os passos da imagem inicial deste texto apresentam também a sua especificidade. Eles não procuram o seu lugar próprio. Eles marcam, com suas trajetórias, um outro próprio. Ocupam um espaço que, economicamente e culturalmente, é identificado a outros grupos sociais. E para tal, usam de suas táticas para se apropriarem do espaço e se mesclarem na multidão.

.....

✓ *Nivea Andrade: Doutoranda do ProPed/UERJ. Pesquisadora do Laboratório Educação e Imagem/ProPEd/UERJ*

Referências bibliográficas (ou textuais):

- *ALVES, Nilda. Imagens das escolas. In: Espaços e imagens na Escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.*
- *CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994*